

**Maria do Carmo Lima Morais:**  
**A INVENÇÃO DA EXPRESSÃO “JAMAICA  
BRASILEIRA”**

*Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA., pós-  
graduada em Jornalismo Cultural pela Universidade Federal do Maranhão –  
UFMA. E-mail: [mariahducarmo@hotmail.com](mailto:mariahducarmo@hotmail.com)*

**RESUMO:** Atualmente São Luís é conhecida como a “Jamaica Brasileira” pela presença e consolidação do reggae na capital há quase 40 anos. Essa constatação fundamenta-se no processo de criação e apropriação da expressão, bem como nas relações de interação simbólica estabelecidas durante todos esses anos. A mídia, especialmente, produtora e divulgadora do nome, sustenta esse discurso pondo em questão o jogo das sucessivas imagens construídas ao longo da história cidade, descritas num breve percurso simbólico.

**PALAVRAS CHAVES:** Reggae – Mito – Invenção – Jamaica Brasileira.

**ABSTRACT:** Currently São Luís is cognized as “Jamaica Brasileira” for the presence and consolidation of reggae in the capital more than 30 years. This constatação bases on the processo of creation and appropriation of the expression, as well as in the relations of symbolic interation established during all this years. The media, especially, producer and divulgador of the name, supports this speech putting in question the game of sucessive images constructed throughout history city, described in a brief symbolic passage.

**KEYWORDS:** Reggae – Myth – Invention – Jamaica Brasielira.

## **1- INTRODUÇÃO**

A formação cultural de São Luís está relacionada com os movimentos simbólicos de construção de uma identidade maranhense. O modo como a sociedade, e

para uma melhor localização, a sociedade ludovicense, percebe a si mesmos; se configura na construção mitológica do “ser maranhense”. Essa percepção tem seu alicerce na mentalidade do “ser diferente” e da “excepcionalidade”. A partir dessa concepção, surgiu entre os estudiosos, o conceito da “*ideologia da singularidade*”<sup>2</sup>-sentimento de orgulho exacerbado da diferença do Maranhão e da figura do maranhense em relação às outras capitais brasileiras - impresso no contexto da história e, principalmente, nas expressões locais da cultura. A idéia da ideologia da singularidade é utilizada para melhor compreensão dos vários discursos elaborados e as redes de imagens construídas ao longo da história de São Luís. Para isso, faz-se necessário conhecer o itinerário simbólico da construção dessas imagens criadas e enraizadas a partir dos contextos históricos e sociais da capital.

Em vários discursos, muito bem elaborados, é possível identificar uma tentativa de manter a tradição da cidade. Do ponto de vista do que é tradição, algumas pessoas tentam preservar as heranças culturais de seus antepassados vinculados no discurso da “Maranhensidade”<sup>3</sup>; o que para eles é a guardiã da identidade maranhense. O certo é que as tradições também são suscetíveis às mudanças, portanto elas não são estáticas, fechadas e podem sim sofrer influências externas. “É um mito pensar que as tradições são impenetráveis às mudanças”. (Giddens, 2005:48)

Outro aspecto que merece ser analisado é quanto à invenção de novas expressões criadas ao longo da história de São Luís. Partindo de um indivíduo ou de um pequeno grupo e posteriormente se estendendo à sociedade como um todo; registrado ou não, ideologicamente criado ou não, essas expressões existem na memória da população ludovicense e projeta-se para o futuro, não se limitando apenas à reprodução do passado.

---

<sup>2</sup>O termo Ideologia da Singularidade é um novo termo que explica o sentido de diferença – invenção reativa e ideológica ocorrida num período crítico da história de São Luís (LACROIX; 2000:11)

<sup>3</sup>Maranhensidade é um termo que sintetiza a valorização, preservação e divulgação das coisas e pessoas maranhenses.

Dentro dessa perspectiva da tradição, existem ainda aquelas expressões que são inventadas. “Inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta” (Hobsbawm, 1997: 12-13). Portanto, as redes simbólicas que tecem a história de São Luís são alteradas e abaladas sempre com a invenção de um nome para a cidade; nomes estes que não traduzem a realidade local, mas que muitos ludoviscenses se reconhecem e se identificam. Por tradição inventada, sob a visão de Hobsbawm temos:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (...). Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. (Hobsbawm, 1997: 9)

Além disso, cabe entendermos o que é mito. Discute-se mito para melhor compreender os discursos criados e operados no interior da memória coletiva e que até então são mantidos pela comunidade local. “É no interior das práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas que as identidades emergem”. (POSSENT & SILVA 2007:101). A dimensão simbólica de São Luís está relacionada, principalmente, por invenções e mitos, que em constante construção, organizam uma nova ordem social e ordenam novos comportamentos, muitas vezes estereotipados. (Re) significados por determinados grupos que o assimilam, decodificam e se identificam, estes podem ir além da dimensão identitária.

A partir desses conceitos pretendemos estudar alguns signos e símbolos da cultura maranhense, sob o foco do processo de apropriação, identificação e incorporação do reggae na cultura de São Luís; um gênero musical de origem jamaicana que se consolidou na capital com uma velocidade inusitada (re) organizando, sem interferir na lógica, as práticas culturais locais; de modo que hoje a cidade é conhecida como a “Jamaica Brasileira”.

## 2- Breve percurso simbólico da cidade de São Luís

Este percurso é iniciado com um conflito entre duas imagens contraditórias, “Cidade dos Azulejos” e “França Equinocial”. Esse primeiro quadro corresponde à colonização e às invasões estrangeiras no Brasil. A permanência dos franceses na capital durou apenas três anos, porque em 1615 foram expulsos pelos portugueses. Mas, esta invasão deixou marcas profundas na memória histórica da cidade que de invasores passaram a ser considerados os fundadores da cidade. Fundada pelo português Jerônimo de Albuquerque, tal discurso não se sustenta, pois é visível a influência maior dos portugueses; não só nos imensos casarões localizados no centro da cidade, mas também no traçado da cidade, na língua e na cultura.

A princípio, o mito “gaulês” ganhou força em meio à constelação histórica envolvendo as influências francesas no contexto mundial, reforçado principalmente, pela mídia. Nas sociedades contemporâneas, a mídia funciona como um elo, e muitas vezes como produtora de discursos. Ela ocupa um lugar na memória discursiva que faz parecer real a apropriação de uma realidade deslocada e fragmentada, criando a idéia de identidade. “É no interior das práticas discursivas e pelo emprego das estratégias específicas que as identidades emergem”. ((POSSENT & SILVA 2007:99) A “ideologia da Singularidade” é uma configuração nova que reforça e explica a construção dessa imagem, até hoje veiculada pela mídia e por grande parte dos cidadãos ludovicenses. Essa idéia é percebida e reforçada sempre com os discursos elaborados ao longo da história de São Luís operados no interior da memória da cidade. Esse jogo de imagens, que se sucede num mesmo espaço físico, fortalece a invenção de novas expressões.

O segundo quadro simbólico, e mais presente, a “Atenas Brasileira” corresponde à época em que a vida cultural maranhense ganha em intensidade e expressividade. Nesse cenário, cresce o número de intelectuais e escritores que mais tarde viriam a destacar-se na poesia, na prosa e na produção jornalística do século XIX, reforçando uma rede de imagens positivas e notórias no panorama cultural nacional.

Escritores como Gonçalves Dias, Sousândrade, João Lisboa foram os primeiros a surgir no cenário da literatura brasileira; referências para os sucessores e, entre eles Artur Azevedo, Aluísio Azevedo e Coelho Neto. A rica tradição literária maranhense foi transmitida ao longo das gerações e outros poetas contemporâneos como Nauro Machado, Ferreira Gullar e o imortal romancista Josué Montelo fortaleceram o discurso da “Atenas Brasileira”. A “Atenas Brasileira” caracteriza um discurso ideológico construído e encarnado por um grupo restrito de intelectuais, e se estende à sociedade como um todo, colocando os escritores como mediadores simbólicos dessa realidade. Entretanto, é válido destacar que esse jogo de relações parte de uma minoria que até hoje tenta manter a tradição.

O terceiro quadro surge na década de 50 com a “Ilha Rebelde”; um movimento político e social de caráter regional que repercutiu em todo o Brasil e mais uma vez resultou numa dimensão simbólica, ou melhor, num conjunto de imagens como *Ilha Heróica*, *Ilha Indomada*, *Ilha Submissa* e que até hoje pode ser identificado dentro da história política de São Luís. A Campanha da Libertação, como também ficou conhecida, buscava num modelo da política tradicional local o direito de escolher seus representantes e de lutar contra o coronelismo vigente no estado. Caracterizava um movimento essencialmente urbano.

“Foi um conflito que colocou em jogo os imaginários sociais, bem como as relações de força em seu domínio, demandado das diversas partes envolvidas na elaboração de técnicas e estratégias simbólicas adaptadas às especificidades do conflito”. (Costa, 2006: 83)

As formas de representação do imaginário social estão relacionadas às referências históricas materializadas nos discursos que, em constante construção, organizam uma nova ordem social e ordenam novos comportamentos. Com a Greve de 79, o povo aparece como o agente transformador de uma mentalidade, até então “elitista”, vista em vários momentos da história como a classe dominante. Num outro momento de transformação e crise política, o jogo das imagens mais uma vez é abalado

e surge com uma nova característica, agora popular

“A denominação popular fica assim atribuída à cultura de massa, operando como um dispositivo de mistificação histórica, mas também propondo pela primeira vez a possibilidade de pensar em positivo o que se passa culturalmente com as massas”. (Barbero, 2006: 12).

O papel é invertido e os movimentos de massa, seja na política ou na cultura, rompem com alguns pensamentos conservadores que permeiam a história de São Luís. A “Ilha Rebelde” atualiza-se com esta manifestação, que foi iniciada por universitários inconformados com os inesperados aumentos das passagens de ônibus. Os estudantes secundaristas foram às ruas lutar pelo direito à meia-passagem, assim como os professores, trabalhadores e a imprensa. Os ludovicenses mais uma vez lutam; dessa vez com a idealização e participação massiva da população. Em plena ditadura militar, o movimento é interpretado como uma coisa de comunistas, repercutido a nível nacional, sendo que o palco da greve foi a Praça Deodoro estendendo-se por todo o centro até o Palácio dos Leões; cenário também de muita violência, pancadaria e prisões. Esses locais, novamente são identificados na história da cidade como símbolo de luta e transformação social.

---

“... São Luís se agita com o fervilhar de uma juventude invadindo as entranhas de suas ruas e calçadas. Era a luta pela meia-passagem rasgando a boca da estudantada e atijando o peito de tantos quantos cidadãos queriam respeito à liberdade. São Luís se assumia, de novo, Ilha Rebelde”. (PINHEIRO Apud. CARDOSO; 1995:9)

Pegando a esteira da “Ilha Rebelde”, São Luís surge com outro nome; agora Jamaica Brasileira. Apropriado inicialmente pelas camadas mais populares, esse título deve-se a diversos fatores e elementos que interferiram no imaginário e na ordem social local, o que acabou gerando uma crise de identidade para os ludovicenses. O movimento reggae tem uma relação com a rebeldia, por denunciar e criticar, isto é, ir contra a realidade política e social da Jamaica. A variação de acesso em relação ao objeto investigado, até hoje não comprovada, é importante na medida em que contribui para a reflexão sobre que elementos de ligação há entre São Luís e a Jamaica; e quais foram (são) os processos e estratégias utilizadas, ao longo desses anos, pela população

local de modo a se reconhecerem como “Jamaica Brasileira”. Na perspectiva das grandes indústrias, esses processos de apropriação e (re)significação reforçam a idéia dos mitos, pois a indústria cultural devolve sob outras formatações aquilo que já existe no mercado.

### **3- O mito da Jamaica Brasileira**

O que é mito afinal? A partir desta pergunta propõe-se questionar o uso do termo “Jamaica Brasileira”. Numa concepção geral, mito é uma narrativa tradicional de caráter explicativo e/ou simbólico, profundamente relacionado com uma cultura e/ou religião. É uma primeira tentativa para explicar a realidade.

Para Roland Barthes:

...Mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como ela profere: o mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo, tudo pode ser mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto a apropriações da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar das coisas... (2003:131-2).

Para Stuart Hall:

Os mitos fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contranarrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída. Novas nações são, então, fundadas sobre esses mitos. (2003: 55)

Já que mito é uma narrativa, uma fala, uma mensagem, construída ao longo da história, que transforma algo em discurso, aberto a apropriações da sociedade; pode-se dizer que a “Jamaica Brasileira” é um mito, pois é constituído por um discurso que surgiu numa determinada época, contexto que foi apropriado por um grupo que lhe atribuiu determinado sentido. Uma história alternativa que dá uma sequência aos discursos anteriores ou simplesmente rompe com o existente. Conclui-se então que, discurso é a produção de sentidos entre duas ou mais pessoas; que surge de determinados contextos e épocas. Todo discurso tem uma ideologia, carregado de valores e sentidos, que tem uma dimensão na expressão humana. Quando o discurso é

apropriado e decodificado por um determinado grupo de pessoas que se identificam com ele, estas atribuem-lhe sentido e este passa a representá-las.

O reggae é um gênero musical que se originou na Jamaica nos anos de 1970 com elementos britânicos, africanos e norte-americanos (Burke, 2003: 31). Com o impulso e estratégias das grandes indústrias, alcançou uma dimensão para além de suas fronteiras territoriais e culturais, sendo apropriado e (re) significado em diversas culturas. Embora de origem estrangeira, a capital maranhense incorporou o ritmo jamaicano dentro de suas práticas festivas e de sua programação cultural, influenciando nas relações de interação já existentes; o que vem provocando discussões no âmbito da cultura local, até então tida como tradicional. A forma como o reggae foi apropriado e como ele é manipulado em São Luís difere da Jamaica e de outros Estados brasileiros. É interessante ressaltar que a capital maranhense se destaca, dentro do panorama nacional, pelo grande número de radiolas, festas, bandas e programas de rádio e TV especializados em reggae.

Na década de 70, período em que a música internacional invadia o Brasil, o reggae veio e teve forte identificação rítmica junto à população local, assim como outros ritmos caribenhos. Então, por que os maranhenses se identificaram tanto com esse ritmo? Talvez o fato de os ritmos caribenhos já terem guarida no Maranhão confirme a aceitação do reggae. Como a programação musical das festas era a salsa, o merengue, a lambada, entre outros ritmos o reggae foi sendo incluído na programação musical dos principais e mais frequentados salões de festas da periferia da cidade, até cair no gosto do público. A princípio foi uma identificação rítmica, porque ninguém sabia de que ritmo se tratava, e muito menos o significado daquelas letras.

O reggae em São Luís, assim como na Jamaica, tem sua origem na periferia, na música dos guetos, da população de baixa renda. O reggae contrariou também a lógica da indústria cultural, pois tinha como meio, a radiola. Sem perder de vista os meios, as radiolas são grandes sistemas de som conhecidas como a primeira mídia genuína do reggae no Maranhão. Elas são comparadas aos sounds systems jamaicanos. A legitimação desse ritmo deu-se a partir das radiolas e dos clubes de reggae, localizados

nas áreas mais pobres da cidade. Estes tiveram um papel fundamental no seu processo de evolução e consolidação do ritmo na capital. Os espaços eram vistos como lugares de lazer e entretenimento, para aqueles que não tinham condições de freqüentar os melhores clubes da cidade. “O ritmo do reggae em São Luis é um bem cultural da população de baixa renda, que encontra ali, naqueles salões de festas, um elo de identificação”. (Araújo; 2004). Até então, o público que normalmente freqüentava esses ambientes era o público dos guetos (periferia) de São Luis.

Ao longo da trajetória do reggae na capital maranhense, muitas pessoas foram se destacando no cenário local; entre eles, os famosos discotecários. Conhecidos como verdadeiros especialistas em músicas desse gênero, estes perceberam a aceitação do ritmo nas festas e investiram nele. Eles iam buscar fora do estado, (e muitas vezes no exterior), LPs para comercializar na capital. Outros como os donos de clubes e radiolas, também se destacaram e, a partir deles, consolidaram o reggae na capital. Compravam os LPs das mãos dos discotecários e viviam disputando público, visibilidade, exclusividade e principalmente, o lucro.

Estas disputas por mercado e pelo capital fez com que muitos empresários desse seguimento ficassem ricos que, ao perceberem que o produto dava lucro, investiram cada vez mais no produto e em tecnologia. Aquele que organizou uma radiola mais potente e músicas exclusivas conseguiu atrair mais público para seus clubes. Os salões de festas são importantes, pois é um espaço em que a população se reconhece e se projeta às representações simbólicas. Essa relação comercial, cujos interesses econômicos ainda prevalecem, faz com eles sejam conhecidos como “magnatas” do reggae; cantada pela banda Tribo de Jah.

“Magnatas e regueiros /da Jamaica Brasileira/ os regueiros gostam de reggae / os magnatas gostam de dinheiro / nada fazem pelo reggae / nada fazem pelos regueiros / pensam que a vida é uma festa / pra durar o ano inteiro...”

Na década de 80 surgem os primeiros programas de rádio especializados em reggae. Estes empresários conquistaram seu próprio espaço nos meios de comunicação e

formataram seus programas de rádio e televisão especializados em reggae, a fim de divulgar suas festas e manter a fidelidade de seu público e a cultura da exclusividade. A mídia ocupou um lugar estratégico neste processo, e tornou-se um marco para a consolidação do reggae no Estado provocando mudanças significativas na sociedade local. Foi através dela que surgiu pela primeira vez a expressão “Jamaica Brasileira” além de outros termos como: Babilônia, Jah, Roots, que fazem parte da temática do reggae na Jamaica.

Fauzy Beidoun, comunicador e vocalista da banda Tribo de Jah, em entrevista à autora, relata o processo de criação do nome e em que contexto ele surgiu; compara as duas ilhas (São Luís e Jamaica), suas especificidades, afinidades e usa a terminologia da “confluência cultural” para explicar tal fenômeno. Nesse sentido, o comunicador deixa de ser um mero intermediário e assume o papel de mediador e criador, ou seja, aquele que torna explícita a relação entre a diferença cultural e a desigualdade social. (Moraes, 2003: 69).

Surgiu espontaneamente no programa e acabou se tornando um termo usual. Isso foi lá pelo ano de 86 ou 87. O termo surgiu da constatação da "confluência cultural" que o reggae proporcionou no Maranhão: uma cultura típica da Jamaica adotada de forma genuína e única pelos brasileiro-maranhenses. Os clubes de reggae eram uma verdadeira Jamaica estabelecida no Brasil. O jeito de dançar (agarradinho), único no mundo, com um colorido e um gingado tipicamente maranhense (e brasileiro) fez com que se percebesse uma verdadeira Jamaica no Brasil, ou melhor, uma verdadeira Jamaica brasileira. Muitos traços dos guetos de São Luís se assemelham com os da Jamaica. A raiz africana no Maranhão está bem presente. A Ilha de São Luís em contraposição a ilha da Jamaica, o clima quente do Caribe similar ao calor maranhense,..enfim, são muitos os traços de afinidade. Mas o mais curioso é realmente você se deparar com uma Jamaica no Brasil, especialmente no Maranhão... É interessante a reação dos próprios jamaicanos quando vem ao Maranhão e parecem que estão encontrando uma Jamaica dos anos 70, devido ao estilo de reggae que se ouve ainda hoje no Maranhão. Enfim, a constatação maior: em nenhum outro lugar do Brasil o reggae se aclimatou de forma tão genuína e original, estabelecendo uma cultura rica que originou expressões, estilos (ate de se vestir), jeito diferenciado de dançar, etc.

Ao legitimar um discurso, os mediadores interferem na memória social de um lugar, de forma que a sociedade se reconhece e se projeta nela e por ela se designa uma identidade. “A memória é um elemento essencial para a constituição e a reafirmação da identidade social”. (POSSENT, 2007: 99). Outros, no entanto, se sentiram ultrajados

com a comparação e se manifestaram contra o uso da expressão achando empobrecedor comparar São Luís, dantes conhecida como a Atenas Brasileira, com um país com referências negra e pobre como a Jamaica. Ubirajara Rayol publicou um artigo no Jornal da Tarde que provocou grande polêmica:

No momento em que os meios de comunicação maranhenses passam a cognominar a nossa São Luis não mais de “Atenas Brasileira”, mas de Jamaica Brasileira”, urge que se repudie tamanho e tão deplorável abuso (...) Não se conhece na história da Jamaica, feitos nos campos da letras, artes e ciências. (Jornal da Tarde, 01/06/91)

A cultura midiática conforma o espaço simbólico ao difundir discursos como estes; assim constrói imagens e valores junto ao público. (Re)significado por determinados grupos que se identificam e se projetam nessas imagens, algumas pessoas se sentem parte integrante desse discurso, enquanto outras rejeitam a expressão. A mídia processa, no âmbito das projeções simbólicas, a construção da identidade social.

#### **4-Projeção simbólica: atual cena reggae ludovicense**

O surgimento das bandas locais na década de 90 fortaleceu ainda mais o reggae na capital maranhense. No início, essas bandas tocavam, em língua inglesa, as músicas que faziam sucesso no Brasil e no mundo. Toda essa influência interna foi positiva, pois até hoje as bandas influenciam umas às outras, criando a partir daí um estilo. Atualmente, as bandas de reggae que circulam nesse cenário compõem suas letras em língua portuguesa e tematizam o cotidiano ludovicense, sempre recorrendo às expressões próprias do reggae sem perderem de vista a identidade do movimento. Percebe-se uma mudança na cena reggae de São Luís, pois foi através das bandas maranhenses que o reggae passou a circular em outros espaços. Não era de interesse dos empresários investirem nas bandas locais, conforme argumenta Ed Candido, músico e integrante da banda Guetos:

“Os donos de radiola não têm o interesse de tocar músicas nacionais porque o público de radiola prefere músicas em inglês... as rádios pouco tocam o reggae maranhense, as músicas chegam até a população através de shows, de discos”.

Ele esclarece ainda que as bandas de reggae em São Luís são totalmente independentes. Todo o processo de gravação de CDs é feito com recursos próprios e remasterizados em outros Estados. “As bandas locais tem muito material e poucos recursos” declara. Foi através das bandas que o reggae se deslocou dos guetos para outras áreas, inclusive áreas nobres como parte de sua dimensão simbólica tomando outra proporção. Atualmente, a grande mudança é torná-lo um produto atrativo para o turismo local, já que a indústria do turismo procura vender, em especial a estrangeiros, a imagem de São Luís como a capital brasileira do reggae forjando uma idéia de identidade cultural entre a capital e a Jamaica.

A Secretaria Municipal de Turismo está desenvolvendo ações de incentivo ao reggae como produto turístico por meio do fortalecimento de sua identidade, valorização dos costumes locais, da articulação e integração dos seguimentos. Numa perspectiva de ser mais bem aproveitado, principalmente, na economia e no turismo local, o objetivo é consolidar o reggae como produto de qualidade, visando a satisfação do visitante (turista), comunidade e agentes do seguimento reggae em São Luis. “O reggae não é somente dança, estilo musical; é também cultura, meio ambiente, segurança pública, educação e turismo”, declara Silva (2008).

Importante destacar também que, eventualmente, artistas maranhenses (com projeção nacional) como o cantor Gerson da Conceição, retornam à capital - agora como músico e palestrante - para esclarecer à população a verdadeira história do reggae. Traçando um panorama geral do reggae desde a sua origem, Gerson busca, através da música, oferecer um aprofundamento do assunto pautado em fatos históricos. Este tipo de trabalho já está sendo desenvolvido com frequência em São Luís. O Grupo de Dança Afro Malungos – GDAN, a Associação dos Grupos de Colecionadores de Reggae do Maranhão –AGRUCOREM e Comissão Integrada do Reggae- formada por representantes dos diversos seguimentos ligados ao reggae como cantores/intérpretes;

bandas de reggae; associações, ONG's e conselhos; bares; colecionadores e pesquisadores; grupo de dança; produtoras e gravadoras; comunicação e mídia; dj's e clubes de reggae promovem seminários, fóruns, workshop para a comunidade. O objetivo destes eventos é discutir sobre a situação do reggae no Maranhão, sua integração com outras práticas culturais, políticas públicas, preconceito; promovendo a transversalidade, a criatividade e a inclusão social.

## **5- Considerações gerais**

Na contemporaneidade, a hibridização cultural é um dos elementos estruturantes das sociedades. Resultante de encontros múltiplos, as mais diversas práticas culturais interagem entre si, tornando-se categorias-chave para a compreensão da produção de identidades e dos sistemas simbólicos. Entretanto, não se deve perder de vista os processos de mediação, as instituições, as organizações, e as temporalidades sociais. Os processos de construção da identidade cultural de São Luís, que do ponto de vista da autora apresentam fortes características híbridas, são interessantes ao passo que a cada construção discursiva, percebe-se a influência de outras culturas. Apesar de ser um debate recente, pode ser visto como algo que se manifesta desde a colonização. Conforme disse Edward Said: “Todas as culturas estão envolvidas entre si – nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas”. (Apud Burke, 2003: 53).

A análise do reggae ludovicense do ponto de vista da invenção das tradições, da construção dos mitos na perspectiva das sociedades modernas, da indústria cultural, são relevantes, pois descreve a forma como a comunidade consome e vivencia o reggae até a atualidade, tanto o produzido na Jamaica, quanto o que é produzido pela população local. O processo de (re)contextualização e (re)significação, por determinados grupos que se identificam, corrobora também para outra leitura, a “tradução cultural”. Este fenômeno interfere cada vez mais na identidade cultural das sociedades contemporâneas. “Este conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais” (Hall; 2004: 88). As sociedades modernas estão sempre em transição, por isso há uma oscilação entre tradição e

tradução. Está cada vez mais complexo o uso do termo tradição na era da globalização, onde todas as culturas estão interligadas, as identidades nacionais estão sendo deslocadas, dando origem às híbridas.

Os processos de apropriação do reggae em São Luís, vistos ao longo do texto, apontam que um determinado grupo de pessoas utilizou-se de estratégias e táticas para traduzir aquilo que era estrangeiro, sem levar em conta a sua complexidade. Todas as estratégias e táticas empregadas resultaram numa mudança da sua lógica de produção, distribuição e recepção, que não é a mesma da Jamaica. Pode-se pensar também em termos semelhantes ao da tradução cultural que se descreve como uma alternativa a simples idéia de imitação.

Em todo processo de tradução há equívocos já que nenhuma cultura assimila por completo os elementos da outra cultura, e na tentativa de traduzir acaba por criar outra cultura, com elementos próprios. Por isso pode ser mal-entendida, incorreta e imprópria; e dependendo do ponto de vista do receptor pode assumir um valor positivo, pois possibilita ajustar e corrigir algo que não condiz com a realidade local atribuindo-lhe elementos próprios de sua cultura. Pode-se considerar que o reggae em São Luís, por seus aspectos históricos e suas particularidades convergem para uma dimensão identitária. A forma como ele é produzido, consumido, manipulado; enfim todas as releituras e interpretações descritas neste trabalho enfatizam confirmam a idéia do “ser diferente”, no sentido de que ele é diferentemente assumido conforme varie o local. Contudo, o reggae possui uma densidade simbólica tal que permite uma abertura para as diferentes formas de acesso, apropriação, incorporação, aceitação e gosto que vão além da música propriamente dita.

## 6- REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

ARAÚJO, Elaine Peixoto. **O Reggae Ludovicense: uma leitura do seu sistema léxico-semântico**. Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos – Ano 10, nº 28, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: [http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/reggae\\_ludovicense](http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/reggae_ludovicense).

A TARDE, Jornal. Arquivo 13/05/2008.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino e Pedro Souza. 5º Ed. São Paulo: Editora Diefel, 1982.

BEYDOUN, Fauzy. (Comunicador e cantor da banda Tribo de Jah). Entrevista concedida à autora.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, RS: Editora. Unisinos, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa, Editora Diefel, 1989.

BRASIL, Marcus Ramúsy de Almeida. **Percurso Histórico da Mídias do Reggae em São Luís – MA: 30 anos**. 2006. Disponível em: [http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/sonora/m\\_brasil.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/sonora/m_brasil.doc)

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o Signo da Morte: o poder oligárquico de Vitorino a Sarney**. São Luís: Editora Edufma, 2006.

CARDOSO, Marco Antonio. **A magia do Reggae**. Editora Martin Claret, 1997.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação da culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da Globalização**. 5º Ed. Lisboa: Ed. Presença, 2005

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

HOBBSAWM, Eric. **A invenção da Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos**. Editora Edufma, 2000.

MORAES, Denis de (Org.) **Por uma outra Comunicação: mídia, mundialização e poder**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2003.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2006.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade Nacional**. 3ªEd. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

POSSENT, Sírio. FONSECA – SILVA, Maria da Conceição. (Org) **Mídia e Rede de Memória**. Edições UESB, 2007.

PEQUENO, Jornal. Arquivo 1985.

REVISTA CONSTRUIR NOTÍCIAS. **Relações Étnico-Raciais**. N. 28, ano 2005.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luis: Editora EDUFMA, 1995.

WHITE, Thimoty. **Queimando Tudo: biografia definitiva de Bob Marley**. Rio de JANEIRO, Editora Record, 1999.

#### **DOC. ON LINE:**

<http://www.wilkipedia.com.br>

[http:// www.paginas.terra.com.br/arte/massivereggae/](http://www.paginas.terra.com.br/arte/massivereggae/)

<http://www.ccnma.org.br/home.htm>

<http://firmaproducoes.com/?s=entrevista+com+l%C3%A9o+vidigal>